

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM INÍCIO DE VOCÁBULO NA FALA DO RIO DE JANEIRO

Silvia Figueiredo BRANDÃO

Professora Associada III da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas/Área de Língua Portuguesa/ Pesquisadora do CNPq

E-mail: silvia.brandao@terra.com.br

Fabiane de Mello V. da ROCHA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Área de Língua Portuguesa

E-mail: fabyufrj@gmail.com

Elisa Ramalho dos SANTOS

Aluna de Iniciação Científica do Curso de Graduação em Português-Literaturas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: elisa.ramalhorj@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o comportamento das vogais médias em posição pretônica na fala de Nova Iguaçu, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, levam-se em conta apenas vogais médias que ocorrem em estruturas silábicas do tipo #V(C)\$, em palavras como **eleição/obeso**, **escuta/hospital**, **enfermo/ondulado**, **ervilha/orvalho**, com o objetivo de determinar os fatores que condicionam seu alteamento. A análise baseia-se em amostra de perfil sociolinguístico e é complementada com dados de um atlas fonético que tem Nova Iguaçu entre seus pontos de inquérito.

Palavras-chave

vogais médias; alteamento; posição pretônica; início de vocábulo; Rio de Janeiro

1. Introdução

Entre os tópicos mais focalizados no âmbito do Português do Brasil, as vogais médias em contexto pretônico têm suscitado diversos trabalhos e fomentado debates, tendo em vista, entre outros aspectos, a atuação do alçamento, cujo caráter variável vem se mantendo estável ao longo do tempo.

Bisol (2009), que trata o tema mencionando a questão sobre a natureza neogramática ou difusionista do processo, caracteriza como (i) do tipo neogramático, o alçamento (a) que redundando em harmonização vocálica e decorre de assimilação ou espraçamento do traço [+alto] de vogal em sílaba subsequente, e (b) o que se observa quando a média anterior está seguida de /S/ ou de /N/; e como (ii) do tipo difusionista, casos que implicam redução vocálica, como em b[u]neca, g[u]verno, s[i]nhora, decorrentes de neutralização entre médias e altas, e que ela considera “alçamento da pretônica sem motivação aparente”, embora trabalhos com base em outros dialetos que não os do Sul do Brasil (CALLOU, 1995, entre vários outros) e a própria Bisol (1981), tenham indicado o ponto de articulação da consoante ora antecedente ora subsequente como o provável condicionador fonético do processo.

Bisol (1981) não incluiu /e o/ em sílabas de ataque vazio na amostra que lhe serviu de base por considerar “que os princípios que regem a elevação da vogal inicial não se identificam com os que elevam uma vogal média pretônica interna, mas devem estar em consonância com outros” (p. 33), o que, conseqüentemente, implicaria, conforme ela observa, estudar esse contexto “à parte” (p. 35).

Partindo-se, assim, do princípio de que o comportamento das médias pretônicas, devido à sua complexidade, requer uma análise atomística, isto é, que leve em conta contextos específicos, realizou-se, com base na fala de Nova Iguaçu-RJ, um estudo piloto focalizando essas vogais em sílabas com a estrutura #V(C)\$¹, como se exemplifica de (1a) a (4b). Determinou, ainda, o desenvolvimento deste trabalho a constatação de que, na fala da mencionada localidade, predomina a preservação das médias em sílabas com o ataque e a coda simultaneamente vazios (casos de (1a) e (1b)).

(1a) <e>xército	(1b) <o>beso
(2a) <eS>cuta	(2b) <hoS>pital
(3a) <eN>fermo	(3b) <oN>dulado
(4a) <eR>vilha	(4b) <oR>valho

Sobre as médias pretônicas especificamente em início de vocábulo, conhece-se apenas a dissertação de Battisti (1993), que as abordou, na linha sociolinguística variacionista, em sílabas não só com ataque vazio, mas também

¹ Leia-se V (vogal) em início de vocábulo (#), seguida ou não () de C (consoante), em fronteira de sílaba: \$.

preenchido². Ela chega, entre outras, à conclusão de que, nesses contextos, a vogal anterior tende a elevar-se mais do que a posterior, sobretudo quando seguida de /S/ ou /N/, em que considera o alteamento “uma regra em vias de tornar-se categórica, de perder seu caráter variável” (p. 119).

Para justificar o alto índice de [i] nos mencionados contextos, a autora tece uma série de considerações de natureza histórica com base em Naro (1973, p. 39-40), que afirma que se podem observar – em documentos antigos, pelo menos até o século XVII – quatro casos em que se tem *i* para <*e*> inicial, dois deles relevantes para as considerações de Battisti sobre os contextos hoje grafados <*en/m*> e <*es*>: (1) alternâncias do tipo *en- ~ in-* e *es- ~ ens- ~ ins- ~ is-*, que se explicariam pelos seguintes passos evolutivos: (a) confusão ou contaminação da evolução normal *in-* > *en-*, com a erudita *in-*; (b) confusão adicional de *eis-* ou *es-* provenientes de *ex-* com *ens-* advindo de *ĩns*, (c) que resultou em nova forma grafada como *ens-* ou *enz-*, (d) que, opcionalmente, tomou o lugar de *ex-* e, assim, entrou na alternância *en- ~ in-*; (2) *-e* ortográfico como vogal protética em grupos iniciados por *-s* impuro (ex: *spiritu*): até o século VII, a vogal que se acrescenta diante de *-s* é, usualmente, <*i*>, o que atestaria a pronúncia alta nesse contexto.

Para Naro, “estas considerações mostram que o português do século XVI tinha *e-* como [i] em *en-* e *es-* (através de *ens-*) e talvez em *esC-*, mas não em outras iniciais” (op. cit.: 40).

2. Objetivos, metodologia e breve perfil da comunidade

Busca-se averiguar, entre outros aspectos, se, na fala de Nova Iguaçu-RJ: (a) o alteamento da vogal anterior em sílaba travada por /S/ ou /N/ já poderia ser considerado uma regra categórica; (b) a sílaba aberta seria um contexto altamente favorável à preservação da média posterior, diferentemente do que ocorreria com a anterior, que apresentaria maior tendência ao alçamento, embora com índices bem inferiores aos que se observam nos contextos descritos em (a) em alguns dialetos brasileiros; (c) /R/ em coda silábica inibiria a atuação do alteamento; (d) no que se refere a (b), o alçamento da vogal anterior também poderia decorrer de espraiamento do traço [+alto] de vogal contígua;

Para a análise, realizada segundo os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), organizou-se uma amostra reduzida, selecionada de inquéritos, do tipo DID, do Acervo das Variedades Linguísticas Fluminenses – AVAL-RJ e referentes à fala de Nova Iguaçu, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, concentram-se 76% dos cerca de onze milhões de habitantes do Estado, em função do crescente processo de migração para os grandes centros urbanos que teve início, no Brasil, a partir

² Battisti, além das médias em sílabas com ataque vazio, inclui em sua amostra as médias em hiato e em prefixo, que também não foram contempladas na amostra de Bisol (1981).

da década de 40 do século passado. Dentre os 20 municípios que a constituem, Nova Iguaçu, com 865.089 habitantes (IBGE³), é, depois da capital, um dos que apresenta maior contingente populacional, em sua grande maioria oriundo de outras zonas do país, sobretudo da Região Nordeste e do Estado de Minas Gerais, o que o torna uma área de significativo contato interdialeto e de fortes contrastes sócio-econômicos. Por outro lado, seus habitantes estão em cotidiana interação com os moradores da cidade do Rio de Janeiro em função de a maioria deles ali desenvolver suas atividades profissionais.

Foram considerados doze informantes, distribuídos por sexo, três faixas etárias (A=18-35 anos; B = 36-55 anos; C= 56-75 anos) e dois níveis de escolaridade (1=Fundamental (segundo segmento) e 3 = Superior). Também reduzido foi o número de variáveis controladas: as três de caráter extralinguístico decorrentes do perfil dos informantes acima delineado e seis de caráter estrutural: (i) tipo de vogal subsequente; (ii) contexto subsequente; (iii) estrutura da sílaba, (iv) distância da tônica e (v) vogal alvo como parte de prefixo.

Utilizaram-se, ainda, para melhor compreender o comportamento das vogais médias nesses contextos e testar algumas das hipóteses, cartas do *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFEBG* (LIMA, 2004), que abarca quatro municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí.

3. Análise dos dados

3.1 Média Anterior

A amostra compõe-se de 1375 dados, que apresentam a média anterior nos contextos #V(C)\$, já referidos. Para não enviesar os resultados, não se levou em conta a vogal que ocorre em <en>tendeu, <en>tende e <en>tão, quando estes funcionam como marcadores conversacionais ou elementos fáticos – cf. (5) e (6). Nesses vocábulos, extremamente recorrentes na fala de todos os informantes, o alteamento da pretônica inicial é praticamente categórico.

(5) Então...parecia que você não tinha escutado, entende?" (NIG A3m)⁴.

(6) Lutando por um ideal...entendeu? (NIG B1h).

No conjunto dos 1375 dados, registraram-se 73% de alteamento, mas, tomando-se em consideração cada contexto, obtêm-se, por tipo de estrutura silábica, os índices indicados na tabela 1.

³ http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2010/default_tab.shtm. Acesso em 15 de setembro de 2010.

⁴ Os informantes são identificados com base nos parâmetros extralinguísticos que nortearam a seleção dos informantes. NIG corresponde a Nova Iguaçu; A, B ou C indicam a faixa etária, respectivamente, 18-35 anos, 36-55, 56-75; 1, 2 e 3 relacionam-se ao nível de escolaridade: 1 (Fundamental, segundo segmento), 2 (Médio), 3 (Superior); *h*, corresponde a homem e *m* a mulher.

Tabela 1 – Índices de alteamento da vogal média anterior por tipo de estrutura silábica

Contextos	Ocos	Perc.
#VS\$ estranho	628/655	95.9%
#VN\$ emprego	305/345	88.4%
#V\$ evento	71/375	18.9%

A maior parte dos dados é constituída de média seguida de /S/ (655 ocos, 47.6%), em que a alta chega a 95.9% de frequência, logo seguida pela média diante de nasal, com 88.4%, o que sugere que a alta, no primeiro contexto, é praticamente categórica. Para melhor compreensão do fenômeno, realizaram-se três etapas de análise: (1) com todos os contextos, (2) só com as sílabas abertas, (3) só com os dados correspondentes às sílabas fechadas por /S/ e /N/, vistos, em seguida, também isoladamente. No quadro abaixo, indicam-se as variáveis na ordem em que foram selecionadas em cada uma delas.

Quadro 1 – Variáveis selecionadas nas diferentes etapas de análise da implementação do alteamento da média anterior em início de vocábulo

Etapa 1 Análise de todos os contextos : #V(C)\$ 1004/1375 (73%)		Etapa 2 Análise só do contexto #V\$ 71/375 (18,9%)	
Contexto subsequente Vogal da sílaba seguinte Faixa etária Sexo Escolaridade		Vogal da sílaba seguinte Faixa etária Contexto subsequente Sexo	
<i>Input:</i> .86	Significância: .006	<i>Input:</i> .11	Significância: .000
Etapa 3 Análise só do contextos #VS\$ e VN\$ 933/1000 (93.3%)			
Contexto subsequente Escolaridade			
<i>Input:</i> .94		Significância: .011	
Etapa 3a Análise só do contexto #VS\$ 628/655 (95.9%)		Etapa 3b Análise só do contexto VN\$ 305/345 (88.4%)	
Faixa etária Escolaridade		Sexo Escolaridade	
<i>Input:</i> .96	Significância: .012	<i>Input:</i> .91	Significância: .002

Quando se analisam todos os dados, são selecionadas duas variáveis linguísticas — *contexto subsequente* e *vogal da sílaba seguinte* — e as três extralinguísticas consideradas, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*, que, na realidade, vão atuar de forma particular em cada caso: enquanto o contexto subsequente é de primordial importância para o alçamento da média em sílabas travadas por /S/ e /N/, cujo *input* é .94, é a natureza da vogal subsequente a mais saliente quando ela se encontra em sílaba aberta (*input* .11), como se verifica nas tabelas 2 e 3.

O contexto subsequente, de natureza consonantal, atua quando as sílabas pesadas são consideradas em conjunto, mas não quando são analisadas isoladamente, como fica claro na Tabela 7, mais adiante, em que só fatores de natureza extralinguística são pertinentes.

Veja-se, na análise conjunta de #V(C)\$, que a importância dos demais pontos de articulação⁵ é minimizada, tanto que os P.Rs⁶ oscilam entre .01 e .04. Ao se analisar apenas #V\$, a alveolar sibilante mostra-se um fator relevante para a implementação da alta (.69), a despeito de essa variável ter sido selecionada em terceiro lugar.

Tabela 2 – Atuação da variável contexto subsequente nas diferentes etapas de análise

<i>Contexto subsequente</i>	#V(C)\$			\$V /S/ e /N/\$			#V\$		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Palatal/ sibilante em coda	628/655	95.9	.82	628/655	95.9	.59			
Nasal em coda	305/345	88.4	.63	305/345	88.4	.32			
Labial	4/36	11.1	.01				4/36	11.1	.35
Alveolar sibilante	43/154	27.9	.04				43/154	27.9	.69
Alveolar não sibilante	23/132	17.4	.01				23/132	17.4	.31
	Input: .86			Input: .94			Input: .11		

A vogal da sílaba subsequente (cf. Tabela 3) só atua para o alçamento da média anterior no âmbito de #V\$: as vogais altas [i] e [u], respectivamente com P.R. .77 e .69, são os fatores que se mostram mais atuantes para o alçamento. Embora a vogal da sílaba seguinte também se mostre relevante quando são considerados todos os contextos, e obedeça à mesma tendência, sua importância

⁵ No *corpus*, só no vocábulo [e]gito, eliminado da análise, ocorreu palatal no ataque da sílaba subsequente, motivo pelo qual só se levou em conta a palatal em coda; também a nasal só foi considerada na situação de coda: as dezessete ocorrências de [m] no ataque subsequente à vogal anterior (como em [e]missão) foram codificadas como labiais, tendo sido a vogal categoricamente produzida como [e]. Não houve casos de <e> seguido de [n] na sílaba seguinte.

⁶ Em análises variacionistas quantitativas, segundo Guy; Zilles (2007, p. 239), o P.R. (peso relativo) de um fator “é um valor (...) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada” num conjunto de dados. (...) “O valor dos pesos recai sempre num intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é ‘relativo’ ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo *input*.”

cia se esvai ao se considerar cada elemento travador de sílaba em particular (cf. Tabela 7).

Tabela 3 – Atuação da variável *vogal da sílaba subsequente* em duas etapas da análise

<i>Vogal da sílaba subsequente</i>	#V(C)\$			#V\$		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Alta homorgânica	120/170	70.3	.71	32/76	42.1	.77
Alta não homorgânica	182/271	66.8	.66	19/194	9.8	.69
Outras vogais	703/934	75.3	.40	20/105	19	.28
	Input: .86			Input: .11		

Todos os fatores de natureza extralinguística considerados foram selecionados na análise conjunta, embora sua atuação seja diversificada em cada contexto. No contexto #Vogal\$, verifica-se que são os indivíduos mais velhos (P.R. .82) e os homens (P.R. .64) os mais suscetíveis ao alçamento (cf. tabelas 4 e 5).

Tabela 4 – Atuação da variável *faixa etária* em duas etapas da análise

<i>Faixa etária</i>	#V(C)\$			#V\$		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
A = 18-35 anos	366/482	75.9	.47	30/120	25	.57
B = 36-55 anos	333/500	66.6	.41	19/194	5.9	.21
C = 56-75 anos	305/393	77.6	.63	32/103	27.5	.82
	Input: .86			Input: .11		

Tabela 5 – Atuação da variável *sexo* em duas etapas da análise

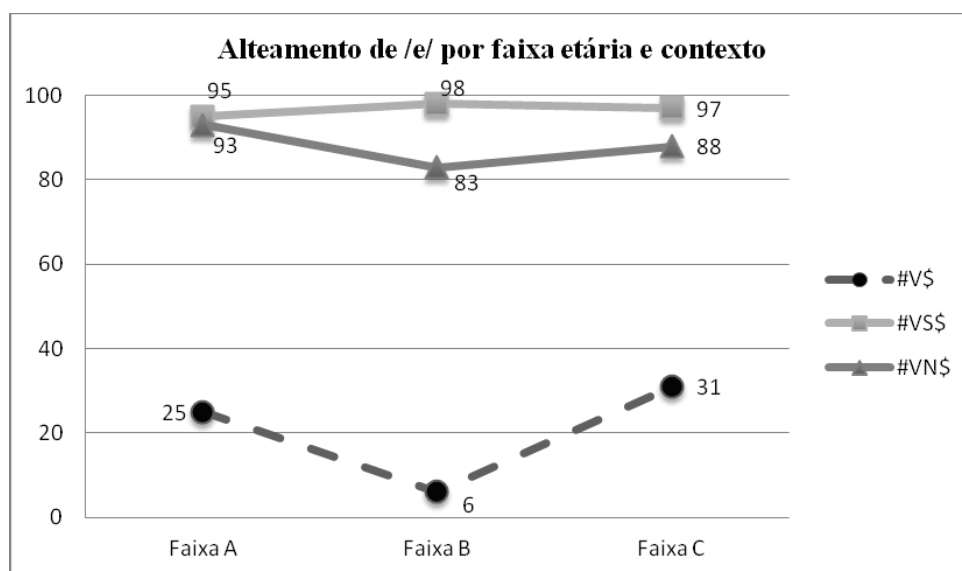
<i>Sexo</i>	#V(C)\$			#V\$		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Homem	503/680	74	.57	56/205	27.3	.64
Mulher	501/695	66.8	.42	15/170	8.8	.32
	Input: .86			Input: .11		

A escolaridade, foi a última das variáveis selecionadas na análise conjunta. De um lado, ela não atua no contexto #Vogal\$, de outro, embora secundariamente, ela aparece como elemento condicionador quando a sílaba é pesada (cf. Tabela 6). Observe-se que os pesos dos fatores são praticamente idênticos nas duas etapas de análise.

Tabela 6 – Atuação da variável *escolaridade* em duas etapas da análise

<i>Escolaridade</i>	#V(C)\$			\$Vogal + /S/ e /N/\$		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Fundamental (2º segmento)	342/493	69.4	.40	330/365	90.4%	.39
Superior	662/882	75.1	.55	603/635	95%	.55
	Input: .86			Input: .94		

Gráfico 1 – Índices percentuais de alteamento de /e/ por faixa etária e contexto



3.2 A média posterior

A amostra compõe-se de 206 dados, tendo-se registrado apenas dois casos de alteamento, nos vocábulos h[u]spitais e [u]bjetivo, enunciados por dois informantes, respectivamente, A1m e B3h. O índice de 99% de manutenção da média posterior talvez possa ser justificado pelo fato de ela ser pouco produtiva nos contextos #V(C)\$\$. Um levantamento superficial indica que ela ocorre, em grande parte, em vocábulos pouco usuais ou formados pelo mesmo elemento, como é o caso dos que apresentam o radical de origem grega ost(e/o)-, bastante numerosos. No estudo de Battisti (op. cit.), no conjunto das cinco amostras por ela organizadas, como se pode deduzir de sua tabela 15 (p. 51), ocorreram apenas 361 dados de /o/ em sílaba com ataque vazio, com apenas 10 casos de alteamento (4/66, na amostra referente à etnia italiana, e 6/68, na relativa à alemã).

No *corpus* em análise, dentre os itens lexicais com /o/ inicial seguido de /S/ que, em geral, fazem parte do léxico ativo ou passivo dos falantes, pode-se arrolar um número mínimo de vocábulos: *hospedar, hospedagem, hospedaria, hospedeiro, hospital, hostil, oscular, osmose, ostentar, ostentação, ostensivo, ostracismo*. Obtiveram-se 73 diferentes formas, como se pode observar na Tabela 8, em que se apresenta o número de ocorrências de cada uma delas.

Tabela 8 – Vocábulo do *corpus* com /o/ nos contextos #V(C)S

Vocábulo	Oco	Item lexical	Oco	Vocábulo	Oco
<ho>landês	1	<o>brigou	1	<o>peracional	1
<ho>landesa	1	<o>bservando	1	<o>perar	1
<ho>nesta	1	<o>bservar	2	<o>perário	2
<ho>nesto	2	<o>bservo	1	<o>perava	1
<ho>rária	1	<o>bservou	1	<o>perou	1
<ho>rário	7	<o>casiões	3	<o>pinhão	16
<ho>rários	1	<o>cioso	1	<o>portunidade	21
<ho>rizonte	1	<o>cupação	2	<o>portunidades	1
<ho>rríveis	2	<o>cupações	1	<o>rienta	1
<ho>rrível	14	<o>cupado	2	<o>rientação	2
<ho>rror	3	<o>fendendo	1	<o>rientando	1
<ho>rroroso	1	<o>ferecer	1	<o>rientar	1
<ho>rrorosos	1	<o>fereceram	1	<o>riente	1
<hos>pitais	36	<o>fereceu	1	<o>rigem	2
<hos>pital	7	<o>ferecido	1	<o>riginado	1
<o>bedecer	2	<o>ferta	1	<o>riunda	1
<o>bediência	1	<o>ficial	2	<o>riundas	1
<o>bediente	1	<o>ficina	2	<o>riundo	2
<o>bjetivo	3	<o>lhar	4	<o>timista	1
<o>bjeto	1	<o>lhava	2	<o>torrino	1
<o>brigaçã	2	<o>limpíadas	1	<or>organizava	1
<o>brigada	2	<o>linda	1	<or>gulho	5
<o>brigado	4	<o>misso	1	<or>gulhoso	1
<o>brigam	1	<o>p>çã	5		
<o>brigar	1	<o>p>çõ	4		

Na tabela 9, no item a seguir, em que se apresentam dados do AFeBG, confirma-se a tendência à concretização de /o/ como média fechada, diferentemente do que ocorre quando ele vem antecedido de consoante, como se comentará no próximo item.

4. Uma breve comparação

Tendo em vista haver um atlas fonético que focaliza a fala de quatro municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, entre os quais Nova Iguaçu, mostrou-se pertinente averiguar o comportamento das médias nessa amostra, com o objetivo de verificar se, na fala relativamente monitorada, se obteriam resultados diferentes dos esperados em situações de fala espontânea. Os informantes do AFeBG têm nível fundamental de instrução (primeiro segmento), completo ou incompleto, e estão distribuídos por três faixas etárias (as mesmas controladas na presente pesquisa).

Antes, cabe lembrar que, nas entrevistas sociolinguísticas, busca-se, sem perder de vista o objetivo de não prejudicar a naturalidade da situação comunicativa, garantir a coleta de conversações que provoquem determinados modos de organização discursiva, particularmente narrativas de experiência pessoal sobre temas polêmicos ou de envolvimento emocional, que normalmente levam a maior espontaneidade dos falantes e a (certa) desatenção quanto ao uso da língua. Já entrevistas realizadas para fins de mapeamento linguístico,

são, em geral, conduzidas por meio da aplicação de questionários, cuja finalidade básica é obter formas isoladas de modo a garantir a comparabilidade dos dados. Tal prática implica, portanto, da parte do pesquisador, uma seleção vocabular que propicie o registro de determinados fenômenos, o que, a depender do recorte utilizado, pode redundar na maior ou menor frequência das variantes; da parte do informante, a possibilidade de monitorar sua fala, o que pode levá-lo a usar/evitar formas que valore como positivas/negativas.

Inicialmente, serão feitas observações sobre o que se verifica nas 15 cartas do AFEFG em que ocorrem as médias anterior e posterior e, em seguida, uma comparação sobre o comportamento das médias em itens lexicais comuns à amostra que propiciou a análise variacionista e a que se selecionou do referido atlas, para contrastar os resultados globais. Na tabela 9, expõem-se os dados referentes à concretização de /e o/ registradas em 15 cartas do AFEFG, desconsiderando-se os casos de cancelamento. Nela verifica-se,

(1) quanto à média anterior que: (a) em relação a Nova Iguaçu, somente em *eleição*, houve a concretização categórica de uma das variantes, no caso [e], o que ocorreu também nos demais municípios; os outros vocábulos apresentaram as variantes [e] ~ [i], mesmo em contextos altamente favorecedores do alteamento, como nos vocábulos *escova*, *escuro* e *espinho*, em que a variante média chegou a predominar; (b) no que se refere aos três outros municípios, encontram-se casos de [i] categórico ou quase categórico, conforme a hipótese inicial; (c) no conjunto, enquanto em Nova Iguaçu predomina a concretização média, nos três outros municípios é a alta a que prevalece.

(2) quanto à média posterior que a variante [o] tem caráter categórico (ela só perde espaço para o cancelamento⁷, não registrado na tabela e que só teve três ocorrências).

⁷ Em Nova Iguaçu não se registraram casos de cancelamento da vogal média. Nas demais localidades ele ocorreu sobretudo no contexto Vogal+/S / nos vocábulos *estômago*, *esquecer*, *espinho*, *escova*, *escola* (13 ocorrências), bem como em *eleição* (2 oco) e *educação* (1 oco). A média posterior só foi apagada no vocábulo *obrigado* (3 oco).

Tabela 9 – Concretizações das vogais médias em contexto #V(C)Ş em 15 cartas do AFeBG (Lima, 2004).

Carta	Nova Iguaçu		Duque de Caxias		Magé		Itaboraí	
	[]	[e]	[]	[e]	[]	[e]	[]	[e]
educação	3/6	3/6	1/6	3/6	1/5	4/5	5/5	
eleição		5/5		5/6		3/5		3/3
emprego	4/6	2/6	4/4		5/6	1/6	2/2	
escola	3/6	3/6	2/5	2/5	3/6	3/6	5/5	
escova	2/6	4/6	3/6	2/6	2/6	4/6	5/5	
escuro	1/6	5/6	2/6	4/6	3/6	3/6	5/5	
espinho	2/6	4/6	1/6	4/6	4/6	2/6	5/5	
esquecer	3/6	3/6	4/5		3/4	1/4	5/5	
estátua	3/5	2/5	4/6	2/6	6/6		4/4	
estômago	3/6	3/6	3/6	1/6	4/5	1/5	6/6	
experiência	2/4	2/4	5/5		5/5		3/3	
Índices numéricos	26	36	29	23	36	22	45	3
	(62 ocos)		(52 ocos)		(58 ocos)		(48 ocos)	
	42%	58%	56%	44%	62%	38%	94%	6%
hospital	[]	[]	[]	[]	[]	[]	[]	[]
		6/6		6/6		6/6		6/6
obediente		5/5		5/5		5/5		1/1
obrigado		6/6		6/6		5/5		3/3
orelha		6/6		6/6		6/6		6/6
Índices numéricos		23/23		23/23		22/22		16/16
		100%		100%		100%		100%

Na amostra que serviu de base à análise variacionista aqui empreendida, ocorreram apenas 10 dos 15 vocábulos que constituem as cartas do AFeBG. Na tabela 10, mostram-se as variantes registradas, indicando-se seu número pelos informantes que as concretizaram. Observa-se: (a) quanto à média anterior, o predomínio quase absoluto do alteamento, que só não incide no vocábulo *educação*, em que [e] é praticamente categórico (49 em 50 ocorrências), em contraste com a média posterior, em que a variante [o] só não é categórica por conta de uma ocorrência de [u] em *hospital*; (b) as variantes da média anterior estão representadas na fala de ambos os sexos, nas três faixas etárias e nos dois níveis de escolaridade considerados.

Tabela 10 – Concretizações das vogais médias em contexto #V(C)\$ por informante da amostra de perfil sociolinguístico de Nova Iguaçu, em vocábulos que constam do corpus do AFeBG (LIMA, 2006).

Vocábulo		Informante/aplicação/nº de oco	Totais
educação	[i]	C3h (1/15)	[i] - 1/50
	[e]	A3h (9/9) A3m (1/1) B1m (9/9) B3h (7/7) C3h (14/15) C3m (9/9)	[e] - 49/50 = 98%
emprego	[i]	A1h (6/6) A1m (4/5) B1h (4/4) C3m (1/1)	[i] - 1/16
	[e]	A1m (1/5)	[e] - 15/16 = 94%
escola	[i]	A3h (5/5) A3m (24/24) B1h (7/7) B1m (16/16) B3h (6/6) B3m (29/29) C3h (6/6) C3m (7/7)	[i] - 100/100 = 100%
escuro	[i]	A1h (1/1)	[i] = 1/1 = 100%
esquecer	[i]	B1h (1/1)	[i] = 1/1 = 100%
estômago	[i]	C3h (2/2)	[i] = 2/2 = 100%
experiência	[i]	A3m (1/1) C1h (1/1) C3m (1/1)	[i] = 3/3 = 100%
hospital(is)	[u]	A1m (1/4)	
	[o]	A1m (3/4) A3h (9/9) A3m (19/19) B1h (3/3) B1m (3/3) B3h (1/1) C3m (4/4)	[u] - 1/39 [o] - 38/39 98%
obediente	[o]	C3m (1/1)	[o] - 1/1 100%
obrigado(a)	[o]	A3h (1/1) B1h (2/2) B1m (3/3)	[o] - 6/6 100%

No que se refere à média posterior, no AFeBG, o que se observa em relação aos contextos #V(C)\$ contrasta com os casos em que essa vogal é antecedida por consoante. Brandão (2010, p. 247), que focaliza as pretônicas nesse atlas, demonstra que somente em quatro vocábulos a média posterior inicial foi concretizada categoricamente como [o]: *motor* (23/23), *proprietário* (13/13) *professor* (24/24) e *trovão* (13/13). Nos demais casos, o que se observa é um padrão de variação [o] ~ [u], com predomínio desta última variante:

Os vocábulos listados [...], em sua grande maioria apresentam fatores tradicionalmente apontados em análises variacionistas como favorecedores do alteamento de /o/: presença de vogal alta em sílaba subsequente e/ou segmento [-cor] no contexto antecedente. Nas cartas [...] em que se registra a vogal alta, esta é, na grande maioria dos casos, a variante mais frequente.

Tabela 11 – Variação [o] ~ [u] em sílaba pretônica com ataque preenchido em cartas do AFeBG, adaptada de Brandão (2010)

AFeBG					
CARTA	[o]	[u]	CARTA	[o]	[u]
	Aplic/Ocos	Aplic/Ocos		Aplic/Ocos	Aplic/Ocos
bonito	2/24	<u>22/24</u>	domingo	8/24	<u>16/24</u>
borracha	10/22	<u>12/22</u>	dormindo	9/24	<u>15/24</u>
chover	5/24	<u>19/24</u>	dormir	5/16	<u>11/16</u>
colher (subst)	7/23	<u>16/23</u>	formiga	10/24	<u>14/24</u>
comadre	4/22	<u>18/22</u>	mordida	<u>18/24</u>	6/24
comendo	7/15	8/15	notícia	9/22	<u>13/22</u>
comida	11/24	<u>13/24</u>	polícia	7/24	<u>17/24</u>
cortina	10/24	<u>14/24</u>	tomate	<u>14/24</u>	<u>10/24</u>
cotovelo	10/21	<u>11/21</u>	sofás	<u>22/23</u>	1/23
cozinha	8/24	<u>16/24</u>			

5. Considerações finais

Neste trabalho, focalizaram-se /e/ e /o/ no contexto pretônico, na fala de Nova Iguaçu, no intuito de verificar os fatores que concorrem para o processo de alteamento. Como se observou na introdução a este estudo e demonstraram os resultados da pesquisa, fica patente a necessidade de focalizar as pretônicas de forma atomística, isto é, em contextos específicos no âmbito do vocábulo.

No que se refere à prêtonica anterior, as sílabas travadas por /S/ e /N/ revelam-se os ambientes mais propícios à implementação da vogal alta, enquanto as sílabas abertas tendem a preservar a média. Assim, mostraram-se favorecedores do alteamento de /e/, (i) em sílaba aberta, do ponto de vista estrutural, a presença de vogal alta e de alveolar sibilante na sílaba subsequente; do ponto de vista extralinguístico, o desempenho dos indivíduos mais velhos e do sexo masculino; (ii) em sílaba travada por /S/ e por /N/, em que o *input* da regra atinge, respectivamente .96 e .91, só atuam fatores de caráter extralinguístico; sendo os indivíduos mais velhos (faixas B e C) e os mais escolarizados, no primeiro caso, e os do sexo masculino e menos escolarizados, no segundo, os responsáveis pelos mais altos índices de alteamento. Pode-se dizer que, no falar fluminense aqui focalizado, a presença da vogal alta diante de /S/ é praticamente categórica, enquanto, diante de /N/, o processo de alteamento está menos avançado.

Demonstrou-se que, enquanto o processo é altamente produtivo no âmbito da vogal anterior, no âmbito da posterior, a variante média é categórica.

Acredita-se que o alteamento de /e/ quando antecede consoante travadora de sílaba se deva não só a motivações de natureza histórica já apontadas por Battisti (op. cit.) com base em Naro (op. cit.), mas também a fatores de natureza fonético-fonológica. No que toca ao /S/, ao fato de, no falar em foco, ele ser produzido predominantemente como [ʃ] — segundo Lima (2006) — segmento que apresenta traço vocálico; quanto à média anterior diante de /N/, concorreria, ainda, para o alteamento, como observa Bisol (1981, p. 90), o fato de a vogal /e/, quando nasalizada ([ẽ]), aproximar-se da área da vogal [i], por

aumento das frequências dos formantes altos, o que favoreceria o processo. A ausência de sílabas formadas por vogal anterior seguida de /R/ impediu que se testasse a hipótese de que esse seria também um contexto favorável à variante média.

Em referência à pretônica posterior, pode-se dizer que, quando constitui sílaba com ataque vazio e coda preenchida ou não, a norma é a manutenção da média. Embora se saiba que, em português, a vogal média posterior seja menos produtiva nos contextos aqui focalizados e esteja menos sujeita ao alçamento do que a anterior, acredita-se que, com a ampliação do *corpus* e a continuidade da pesquisa, se possa ter um quadro mais preciso sobre seu comportamento.

A comparação com os dados do AFeBG confirmou a hipótese de que, em situações comunicativas mais monitoradas, há maior possibilidade de manter-se a média anterior, mesmo em contextos amplamente favoráveis ao alçamento, como é o caso do contexto #VS\$ e ratificou-se o caráter categórico da concretização de /o/ como média em qualquer dos contextos #V(C)\$.

BRANDÃO, S. F.; ROCHA, F. M. V.; SANTOS, E. R. MID PRETONIC VOWELS IN WORD BEGINNING IN THE SPEECH OF RIO DE JANEIRO

Abstract

This paper analyzes the behavior of mid vowels in pretonic position in the speech of Nova Iguaçu, a city in Metropolitan Region of Rio de Janeiro. Following the assumptions of Variation and Change Theory, we take into account only mid vowels that occur in syllables that present the structure #V(C)\$, in words such as eleição/obeso, escuta/hospital, enfermo/ondulado, ervilha/orvalho, in order to control the conditioning factors for vowel raising. The dataset for this analysis is based on a sociolinguistic sample and is also extracted from a phonetic atlas in which Nova Iguaçu is one of the places of inquiry.

Keywords

mid vowels; raising; pretonic position; word beginning; Rio de Janeiro.

Referências

BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BISOL, L. *Harmonização vocálica, uma regra variável*. 1981. 332 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHON, G. (orgs.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009, p.73-92.

BRANDÃO, S. F. A geolinguística no Rio de Janeiro: as vogais médias pretônicas. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 41, p. 229-257, 2010.

CALLOU, D. et al. Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, C.; PEREIRA, P. R. D. (orgs) *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 59-70.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007. 239 p.

LIMA, L. G. de. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2 v. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas: Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2006.

NARO, A. J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973. 165 p.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (org.). *Directions for historical linguistics – A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.